

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

RELATO DE UMA HISTÓRIA INICIADA

MARIA CECÍLIA PATRÍCIO

Campina Grande, Setembro de 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSOR ORIENTADOR NA PRÁTICA DE ENSINO: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

RELATÓRIO DE FINAL DE CURSO

RELATO DE UMA HISTÓRIA INICIADA

MARIA CECÍLIA PATRÍCIO

Campina Grande, Setembro de 1998.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

SUMÁRIO

Agradecimentos	04
Dedicatória	05
Introdução: Primeiras aulas na disciplina Prática de Ensino	07
Cap. I: Várias aulas em uma escola pública: "semeando um glorioso por vir"	11
Cap. II: Recursos didáticos e sala de aula	18
Cap. III: A avaliação constante.	23
Bibliografia	26
Anexo	27
Parecer do Orientador	

AGRADECIMENTOS

A Deus, que foi paciente às minhas preces, e que me deu forças para continuar.

A minha família (Jarssonita de Azevedo Patrício, Abdias Miguel Patrício, Maria Lúcia Patrício, Maria da Conceição Patrício de Almeida, Antônio Carlos Patrício, aos sobrinhos e cunhados) que viveram comigo todos os momentos bons e ruins, e aceitaram minhas escolhas.

Aos professores, Fábio Gutemberg, Josemir Camilo de Melo, entre outros que me ensinaram que a vida do profissional em História não é nada cheia de flores, mas bem que é colorida.

A José Benjamim Montenegro, em especial, pela orientação e amizade tão rica e engrandecedora.

Ao LABEHG, na pessoa de Eristow que foi amigo todo o tempo e acompanhou nossas expectativas.

A Dona Nenzilda (nossa madrinha) pela simpatia, dedicação e amizade de corredor que travamos por todo o curso.

Aos colegas Eduardo, Genilson, Cleide, Rogério, Clóvis, Elizeuda, Robervânia, Cilene, Cícero, Ana, Rita, Adelândia, José Welinton, Paulo do NELL, Lourdinha e Valdonilson, que foram freqüentes durante o curso e importantes para o estabelecer de minha auto-estima, e persistência de meus ideais.

Aos que fazem a Escola Estadual de 1o. e 2o. graus Ademar Veloso da Silveira, local de experiências múltiplas, de alegrias e tristezas que compõem o ensino público.

DEDICATÓRIA

Ao meu colega de curso, tão a vontade consigo mesmo.
Ao meu amigo de sala de aula e de corredor, tão inteligente e hilário.

Ao meu confidente, tão paciente e ouvinte.

Ao meu namorado...

Ao meu amor.

Eduardo Galdino da Silva.

*“Ao apoiar-me a esta grade, ao derramar os olhos
pelos verdes e azuis, e ao contornar montanha
e floresta e igreja e casa e muro e trem e pedra e cão,
ao amar a flor e o inseto e, se for consentido,
o passante com seu guarda chuva, a menina com seu livro,
sei que tenho a mesma atitude que mil pessoas a esta hora
certamente assumem em quantas cidades dos outros
[continentes,
e que há uma ternura nossa, possivelmente vã no tempo,
que só se interessa em dar, em ser, em ir-se, e que foi sempre
como agora, independente da História e da Geografia,
do regime político, do calendário e do relógio...
Então vale a pena viver este momento: quando os olhos
[complacentes
voam como dois pombos por cima do mundo tumultuoso,
e são como a carícia da mão fina de uma criança
tentando deslizar pelo perfil de um javali” (Cecília Meireles)*

INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS AULAS NA DISCIPLINA DE PRÁTICA DE ENSINO.

Ao começarmos a disciplina de Prática de Ensino em História do primeiro e segundo graus, nos deparamos com textos que dizem claramente sobre as grandes dificuldades do ensino, e especificamente do ensino em História.

A primeira questão levantada pelos textos foram sobre o desprezo do passado, para o entendimento da história e da vida do homem, presente tanto nas escolas como nos meios de comunicação. Entramos em contato com estas questões e discutimos sobre o que poderíamos fazer para melhorar este quadro

Nada melhor do que a utilização de alguns recursos didáticos que desperte no aluno curiosidade, e o chame para a importância da História, e sua relação com a vida dos próprios homens. Nesta proposta, que por sinal é o tema que escolho trabalhar neste relatório, além da avaliação, fica firmado o direcionamento a iniciação do aluno no pensamento histórico, no alertar para a situação da educação em hoje no Brasil, no despertar da cidadania, e principalmente para criar neste aluno um espírito crítico sobre suas leituras, e sobre o que ele recebe de "pronto" dos meios de comunicação, e da escola que muitas vezes limita-se na elaboração de currículos, não abrindo espaço para novos trabalhos que despertem no aluno o gosto pela leitura, pela História. Isso através do uso de recursos como o vídeo, a visitação a museus, arquivos, música, passeios a parques, prédios antigos, igrejas, sítios arqueológicos, uso da revista em quadrinho, do livro paradidático, de poesias, documentários... Além de deixar em aberto, ou de planejar a interdisciplinarização entre as várias matérias que formam o currículo da escola, para que o professor de História não fique falando sozinho, isolado dos acontecimentos que fazem parte também a Ciências, a Matemática, a Literatura, a Física etc.

Porque História existe em todas as áreas, independente da importância de outras matérias. E deve ser trabalhada de maneira selecionada, ou seja, para se fazer uma aula de História, os textos, os livros e outros recursos didáticos devem ser bem escolhidos, de maneira

a proporcionar ao aluno uma visão larga, relacionada e prazerosa dos temas estudados, e não generalizada, nem enfadonha da História.

As aulas da Primeira unidade foram para discussão sobre os métodos de ensino, o posicionamento do professor em sala de aula, os obstáculos que ele enfrenta, e sobre os textos lidos.

As questões mais pertinentes dos textos foram as que tratam da coerência no ensino de História: “Porque ensinar coisas do passado?”, “O que queremos conhecer dele, porquê, e que diferença faria se não o conhecêssemos?”. Isso traz ao professor uma carga enorme de responsabilidade e compromisso com o ensino de História, pois ele deve estar sempre “pisando em cascas de ovos”, se preocupando com o significado dos conceitos por ele utilizados, e com as verdades que passa para estes e que está presente na História. Deve se preocupar com a seleção de boas obras para ser trabalhadas em sala de aula, e com a diversificação de recursos didáticos que faz da aula sempre nova e rica.

Então, devemos ensinar uma história em que mostre relação entre os fatos, praticidade de explicação pelo professor, para o entendimento pelos alunos, que tenham objetivos não distorcidos, e que sua finalidade seja sempre possível de ser alcançada pelo aprendiz (aluno), sempre com a ajuda da orientação da escola, do professor e dos recursos utilizados englobando aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais num dado assunto. Desta forma, com temas variados, e não fragmentados para não confundir o aluno enquanto a temporalidade, o profissional em História deve tomar várias precauções na sua área, vários cuidados com a exposição de temas, e com as escolhas destes que precisam envolver o aluno e formar nele um gosto bom pela História, na qual ele faz parte.

*"(...) Pode estar em tantos lugares,
pode ser tantas vidas.
Homem, animal, planta, pedra,
tudo que inventar e quiser.
Poderá ser deus?
Sonha-se*

*Personagem de cidades e eras arbitrárias,
com seus idiomas confusos
em labirintos de idéias, de heranças, de ímpetos.*

*Ama, desama,
desmonta seus mecanismos, de repente, devagar.
Por quê? Sabe, não sabe, decide, arrepende-se.*

*Tem lágrimas inesperadas, alegrias -
quando vai ficar triste? quando vai ser feliz?*

Personagem que lembra e esquece querendo e sem querer.

*Tem quatro pés, dois pés, três pés.
Depois continua a marchar sem necessidade de pés,
e voa sem ter asas.*

*Com densidade para as quedas
e presságios de luz.*

*Todos os dias são de êxodo
para um lugar que a Esfinge se esqueceu de dizer.*

Paciente, dolorido personagem." (Cecília Meireles)

HINO AO COLÉGIO ESTADUAL DE BODOCONGÓ

LETRA E MÚSICA DE MÍRIAM XAVIER - 1972

ESTRIBILHO

ESTADUAL DE BODOCONGÓ
FONTE INESGOTÁVEL DO SABER
ENSINA A JUVENTUDE VARONIL
A AMAR COM FERVOR NOSSO BRASIL.

NUM BAIRRO DISTANTE DA CIDADE
UMA LUZ ESTÁ ACESA ETERNAMENTE
ÉS TU ILUMINADA MOCIDADE
AJUDANDO O BRASIL IR PARA A FRENTE

O ALUNO É POR TI ORIENTADO
A CUMPRIR OS DEVERES FIELMENTE
COMO LEMA TERÁ SEMPRE EM SUA MENTE
ELEVAR BEM ALTO O NOSSO ESTADO

DA CULTURA ÉS TU UM MENSAGEIRO
SEMEANDO UM GLORIOSO POR VIR
ÉS AUGUSTO, ÉS GIGANTE GUERREIRO
PROCURANDO A CAMPINA SERVIR

SENTIMOS EM TI NOSSA VITÓRIA
AVANTE JUVENTUDE, SEMPRE AVANTE
TEU NOME HÁ DE FICAR EM NOSSA HISTÓRIA
HONRANDO NOSSA PÁTRIA MAIS GIGANTE

CAPÍTULO I : VÁRIAS AULAS NUMA ESCOLA PÚBLICA: "SEMEANDO UM GLORIOSO POR VIR."

ESTADUAL DE BODOCONGÓ

FONTE INESGOTÁVEL DO SABER

ENSINA A JUVENTUDE VARONIL

A AMAR COM FERVOR NOSSO BRASIL

Como hino de amor à Pátria, ao estado e à cidade, este é o símbolo da escola que praticamos as aulas de História de fim de curso. É com ideais positivistas formado, engrandecendo a escola, o professor, e o aluno, jovem que é honrado, e honra o nome da instituição a que está vinculado.

Este hino é uma exaltação ao ensino de tal escola, que se intitula detentora do saber, do conhecimento. Iluminada para o desenvolver de deveres e direitos, principalmente dos alunos, a escola é cantada como responsável pelo "progresso" da Paraíba, como servidora, mensageira e guerreira pela glória da cidade e do estado

Situada na Rua Ademar Veloso da Silveira, nome também dado a escola, o Estadual de Bodocongó é um colégio que funciona os três turnos (manhã, tarde e noite), no primeiro e segundo graus, sendo mais uma das escolas que sofrem com as precariedades da educação no Brasil. Seu quadro de professores e funcionários (pelo menos a noite, período que estagiei) é, em número, correspondente às turmas¹.

Os alunos não possuem livros, o governo não dá verbas para livros, materiais e merenda para o turno da noite. A pouca merenda para eles vem das sobras dos outros dois turnos. Editoras mandam livros, mas, fica retido na biblioteca para pesquisas, ou para os

professores. Outros materiais didáticos, como revistas, jornais, mapas, vídeo e TV, maquetes, são na escola materiais que servem ou para ilustração de aulas, ou como “material de museu”, em que ninguém utiliza, ou, não analisa.

A escola ainda possui sala de computadores, mas, mesmo havendo quem saiba manuseá-los, não há quem se habilite a utilizá-los, são recentes na escola, e também servem como peça de museu.

Sua fonte do saber, mostrada através do recurso didático material e humano da escola, está esgotado. Não que inexista materiais didáticos, e paradidáticos na escola, nem que os professores não sejam capacitados para fazer de suas aulas agradáveis e ricas, mas que, inexistente um cumprimento das propostas do planejamento, feito no início do ano, e também vontade de muitos professores de melhorarem o nível de suas aulas, melhorarem a relação professor/aluno, o ensino, e aprendizagem

O ensino pareceu-me forçado a acontecer, pareceu-me não haver amor do profissional pela sua profissão, nem do aprendiz para com o estudado, se resumindo a discussão de professores, e “desculpas” ao salário baixo, aos alunos que não se interessam pelas aulas, e ao cansaço do magistério para alguns já veteranos.

NUM BAIRRO DISTANTE DA CIDADE

UMA LUZ ESTÁ ACESA ETERNAMENTE

ÉS TU ILUMINADA MOCIDADE

AJUDANDO O BRASIL IR PARA A FRENTE

Realmente a escola se localiza num bairro distante (só próxima a universidade) para nós estagiárias, e perigoso o seu acesso. Ocupa um quarteirão da rua, que só consta de mais

¹ Só senti falta de um professor de História da Paraíba no 1o. Ano.

uma casa, sem calçamento e tendo na lateral um terreno baldio que dá para a linha do trem. Local escuro, pois na frente da escola o único poste está com a lâmpada quebrada, ou queimada.

A luz, também, do ensino nesta escola está fraca, quase morrendo, mesmo com a austeridade da diretora e o seu empenho em fazer funcionar as aulas por completo, em conseguir um ambiente adequado e harmonioso para os professores, em conseguir verbas para conserto do material utilizado na escola (como carteiras, banheiro, máquinas...), com segurança de alunos e professores. A iluminação está acabando por conta de vários fatores que fazem a escola regredir: greve e aulas diminutas.

As aulas tem início as sete horas da noite; a segunda começa as sete e meia; a terceira as oito; o intervalo inicia-se as oito e quarenta, indo até as oito e cinquenta que é quando começa a quarta aula, sendo a quinta aula de nove e trinta até as dez horas. Mas, este horário é o oficial, na verdade a primeira aula tem seu início as sete e quinze, os professores dão "massada" para chegarem a sala, o portão da escola fica aberto até as sete e meia podendo os alunos entrarem e saírem neste período de tempo, fora o espaço do intervalo em que boa parte vão embora deixando a quarta e quinta aulas esvaziadas. Então, a primeira aula se concretiza em quinze minutos; a segunda funciona no seu horário estabelecido, só que percebemos que não passa de trinta minutos; a terceira aula funciona nos quarenta minutos oficiais para aulas no turno da noite; o intervalo, que de dez minutos, passa a ter vinte, iniciando a quarta aula as nove horas, e a quinta as nove e meia, só que já tem aí alunos reclamando da demora da aula, já tem alunos pedindo para sair, e a sala vai esvaziando, ficando apenas uns poucos que vão até as nove e cinquenta, que mesmo com reclamações e pouco público tentei levá-las até as dez horas.

Na verdade, as aulas deveriam ser de quarenta e cinco minutos, ou no mínimo quarenta. Só que verificamos haver um não cumprimento dos horários estabelecidos pela escola, tanto por parte dos horários diminutos; como também dos professores, que deveriam ser os primeiros a fazerem questão por sua aula completa, para não se arrastarem tanto nos conteúdos, para trabalharem melhor as aulas e os assuntos; e também por parte dos alunos

que olham o tempo todo para o relógio, chegam atrasados e saem adiantados, além de se revezarem nos corredores para conversar e “assistir” as aulas, principalmente da (s) estagiária (s).

O ALUNO É POR TI ORIENTADO

A CUMPRIR OS DEVERES FIELMENTE

COMO LEMA TERÁ SEMPRE EM SUA MENTE

ELEVAR BEM ALTO O NOSSO ESTADO

O estudante do Estadual de Bodocongó, do turno da noite, é bem variado. uns trabalham, outros estão estudando a noite porque são atrasados, repetentes de outras escolas, da mesma escola, ou de idade avançada e não querem estudar com os mais jovens do turno da manhã e da tarde.

Eles, como jovens fervorosos, cheios de energia a despender, se movimentam, se inquietam, se revoltam, se impõem, muitas vezes contribuindo para que o professor os critique, os pormenorize tratando-os como marginais, retardados ou ignorantes, que utilize de preconceito para se colocar como superior, responsável pela ordem e disciplina da escola, com todos os direitos e poderes para rotular o comportamento dos alunos:

“Um professor que, por exemplo, rotula uma determinada turma de ‘incapaz’ ou de ‘bagunceira’ e mesmo em situações que demonstrem uma evidente mudança de comportamento dos alunos não consegue ultrapassar esse juízo inicial, apresenta uma atitude cristalizada, preconceituosa faze a turma.” (VEIGA. 1995: 134)

Ao professor, ao meu ver, cabe orientar seus alunos, cabe a ele contribuir para o despertar da consciência crítica, questionadora e descobridora dos seus ideais. E não, contribuir para que se dissemine preconceito e “maus costumes”, como os por mim

observados². Pois, boa parte do desrespeito, e descumprimento das tarefas pelos alunos é por mim acreditado como uma falta de orientação e explicitação das finalidades da disciplina pelo professor, de sua metodologia de ensino, uma falta do respeito na relação professor/aluno, e também da filosofia da escola. E também, uma perda de controle de alunos e de professores, que acabam por não elevar nem o nível da escola, nem do ensino, nem tão pouco do aprendizado. Nem mesmo, como diz a estrofe, do nosso estado, tão glorificado acima.

DA CULTURA ÉS TU UM MENSAGEIRO

SEMEANDO UM GLORIOSO POR VIR

ÉS AUGUSTO, ÉS GIGANTE GUERREIRO

PROCURANDO A CAMPINA SERVIR

SENTIMOS EM TI NOSSA VITÓRIA

AVANTE JUVENTUDE, SEMPRE AVANTE

TEU NOME HÁ DE FICAR EM NOSSA HISTÓRIA

HONRANDO NOSSA PÁTRIA MAIS GIGANTE

Estas estrofes mostram o canto em glorificação a cidade através da escola. Escola enquanto mensageira da cultura. Cultura que está na TV, na rua, no rádio, no museu, na música, na dança, na feira, nos livros, nos escritos diversos, na religião, no vestir e no agir. Cultura que não encontra na escola o mensageiro, o reproduzidor do saber que é tão vário e

² Como ficar no corredor durante as aulas; entrar e sair da sala atrapalhando a aula; se negar a fazer as tarefas propostas pelo professor, ou demorar a devolvê-las ocasionando acúmulo de tarefas para corrigir, soltar bombas no banheiro da escola, entre outros.

rico, tão cheio de formas e representações que a escola não consegue ampliar e fazer o aluno conhecer, ou entender. Cultura do passado, e do presente de Campina Grande (e da Paraíba) que se confluem, que se diferenciam, que influenciam a formação dos costumes de um possível futuro. Então, vemos que na realidade não acontece, nem no Estadual de Bodocongó nem em outras escolas estaduais da cidade.

Qualquer coisa é motivo para não haver aula: doença de professor, data da fundação da Paraíba, dia do estudante, gincana (e todos os seus preparativos).

As conversas na sala dos professores, referentes a escola, vão da expectativa por greve, ou por algum motivo que faça não haver aula (os preparativos para a gincana que duraram uma semana por exemplo), ou ainda sobre determinado aluno, ou alunos, que "pertuba(m)" as aulas, que questiona(m) e incomoda(m) o professor, e a escola.

Questões de avaliação são discutidas pelos professores, mostrando desdém aos alunos, e incapacidade de avaliá-los de maneira justa. Primeiro que tudo, se afirmam críticas ao sistema educacional do governo³. Planejamento, soube que no início e meio do ano é feito, só que, pelo que escutei e vi nas aulas, e na interação de professores, só fica no papel. Um desdém maior existe com as disciplinas de humanas (História, Geografia, Artes, Religião), além de Biologia e Ciências. Se Português e Matemática aprovar os alunos, as outras não podem reclamar, tem que aprovar também. Ai fica mostrado que não existe na mentalidade dos professores a sua importância, o valor de matérias que formam, também, o conhecimento no aluno e são desprezadas por conta de outras que são consideradas de maior importância. Isso dá uma liberdade e confiança tão grande ao aluno que faz com que ele se acomode, não estude, e não se interesse pelas aulas que não sejam de Português e Matemática. Além disso, há um exaltar dos alunos àqueles professores que "dão" nota a toa, sendo isso freqüente nas disciplinas de Inglês e Química.

³ Diz que o aluno da escola pública não pode mais ser reprovado, diminuindo assim, pela metade, o número de testes escolares, dando um espaço maior para reposição de notas e recuperação destas, com isso suprimindo o espaço de tempo para o trabalho com conteúdos novos, ou mesmo os já estabelecidos pelo programa da disciplina.

Então, a escola enquanto mensageira da “cultura” funciona às avessas. Funciona reproduzindo preconceito, favoritismos e juízos de valor por professores que influenciam alunos, e por alunos que trazem seus conceitos prontos, suas maneiras de convivência, por exemplo, e que não um ambiente adequado para ampliar seu conhecimento, aprendendo mais e convivendo melhor com o outro, além de podendo se preparar para um futuro acadêmico, ou profissional em que lide com outras pessoas diferentes.

A prática de ensino em História é composta de aulas introdutórias sobre a Prática de sala de aula, e discussões teóricas com o professor coordenador da disciplina, e aulas práticas dos alunos estagiários em uma escola pública. São em número de doze aulas, seis para o primeiro grau, e seis para o segundo grau. As turmas são escolhidas pelos alunos estagiários que seguem no conteúdo onde o professor titular da disciplina parou. Quanto ao planejamento das aulas, o estagiário mais o orientador (escolhido por aquele) se responsabilizam.

Trabalhei com a oitava série do primeiro grau, e com o terceiro ano do segundo grau. Em número de aulas, foram no total de vinte e seis, mas pelos planos de aula foram em quinze. E se estendeu mais por conta de feriados, doença de uma professora do turno da noite, festas e gincana.

Os conteúdos ficaram concluídos, só faltando uma avaliação ser feita, já que a escola institui duas notas por bimestre, fora as reposições e recuperações que completam as quatro avaliações. Foi porque iniciou-se uma greve dos professores da rede estadual de ensino, greve esta que faz a cada dia atrasar as aulas, piorar a situação da escola pública. Porque hoje a greve não funciona mais para pressionar o governo, principalmente na área da educação, não possui mais efeito como arma reivindicatória dos direitos de professores.

Então, a greve serviu como mais uma desculpa para os professores (já que maioria deles não vão as reuniões do sindicato) e alunos não irem a escola, àqueles a não trabalhar, e estes a não estudar, contribuindo para o caminhar para trás do ensino. É tanto que não ficou completo o nosso estágio, faltando uma avaliação da disciplina, e uma avaliação dos alunos perante a experiência com a estagiária.

CAP. II: RECURSOS DIDÁTICOS E SALA DE AULA

Escolher dissertar sobre esta temática inclui um conhecimento de todas as outras que fazem parte do planejamento. Porque recursos didáticos faz parte do ambiente escolar e comunitário.

Para se elaborar e pôr em prática, é necessário primeiro que tudo pensar no conteúdo e no objetivo a ser alcançado nas aulas, além de bibliografia adequada, responsável pelas informações que compõem o conteúdo.

A escolha de se trabalhar com recursos didáticos vem contribuir para que haja uma interrelação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem. E também para que ambos se estimulem neste processo, é preciso que haja contribuições de todos ao redor, da direção da escola, da comunidade e dos funcionários que contribuem para que o trabalho da escola viabilize, e que se concretize num ato produtivo.

Na nossa prática de ensino foi pedido pelos professores titulares da disciplina de História da escola, que preparássemos texto-base para os alunos em cada aula, pois estes não possuem livros, e por isso não conhecem o assunto da aula de antemão.

Preparei texto para as aulas, e só passei aos alunos depois do assunto explicado para, assim, servir como síntese, análise e revisão do tema trabalhado. A análise do texto, confeccionado, ou montado, *“torna-se o principal instrumento para o aprofundamento dos assuntos apresentados”* (NEVES. 1985: 66).

Assim, o texto serviu como apanhado geral do que foi trabalhado em sala, que faz lembrar no aluno o acontecimento histórico exposto anteriormente, que envolva-o na leitura e capacite-o a interpretar o que leu. Então, ler o texto e pensar sobre ele requer uma aula extra que fecha o assunto, e que faça valer a interação do ouvido com o lido. Contribue também

para que o aluno aprenda a ler, escutar, principalmente o que o autor escreve, refletir sobre o assunto dado e fazer suas conclusões sobre tal acontecimento e escrito.

As leituras foram feitas por mim, para mostrar aos alunos como se deve entonar a voz, enfatizando palavras - chave e momentos importantes do texto, mostrando também como se põe ação num texto de história e extrai dele significados para a aula e relações com a realidade do aluno, tentando colocar este em uma atitude ativa e dinâmica, além de interativa no processo de leitura:

"(...)a leitura não é, pois, um 'processo mecânico', mas, pelo contrário, deve levar o leitor a questionar, a confrontar, a levantar - testar - hipóteses, a buscar significados e descobrir, enfim, que o texto pode oferecer múltiplos sentidos" (ORLANDI. 1984 Apud VEIGA: 1997.51)

Desta forma, as leituras feitas em sala, além de curtas e lidas por mim para também economizar tempo e melhorar o relação dos alunos com o assunto, serviram como aprendizado da matéria, do tema trabalhado e da posição que pode assumir o individuo perante o que este lê, se discorda ou concorda com o que está escrito. Lamento ter havido em boa parte dos exercícios cópia dos textos, mostrando que muitos dos alunos só reproduzem o escrito e não analisam o estudado.

A utilização da observação e leitura de testemunhos históricos, como "O contrato social" (trecho) de Rousseau sobre o Iluminismo, "Declaração de Independência dos Estados Unidos", e "Manifesto à nação", feito por Deodoro da Fonseca em 1889, além da "Declaração dos direitos do homem e do cidadão", recriam no aluno o ambiente histórico, torna verossímil o estudo da história, além de enriquecer a aula e colocar nas mãos de todos o acontecimento, a história enquanto registro, escrito que se tornou história.

O mapa, enquanto recurso didático, utilizei para mostrar ao aluno sua localização no espaço, e no tempo. O aluno de Campina Grande localizando-se perante o território brasileiro, americano, e no mundo. O mapa foi também utilizado como construção de texto, mapa

comparativo (ver anexo), como por exemplo o que mostra dois períodos da história de Roma, dentro de um acontecimento: a política marcando a expansão territorial romana; o que mostra a história da colonização do território dos Estados Unidos; e o que mostra revoltas no Nordeste do Brasil no século XVIII⁴.

Os mapas podem ser utilizados também como complemento de aula, como imagem e localização dos atuais agentes na história - nós, professores e alunos.

O cartaz não serve só para ilustrar a aula, é utilizado como *“uma aparência do espaço num determinado momento, e como tal apresenta uma realidade estática. É necessário então, discutir e entender que as formas que aparecem nestas representações e na realidade não aparecem por acaso, elas representam certas circunstâncias, certas características que se sobrepõem às demais, e por isso ‘aparecem’*. (92 texto sem bibliografia)

É o caso do cartaz com ilustrações sobre a história cultural de Roma que mostra a arquitetura com seus arcos e formas, que influenciou o mundo por suas construções. E o cartaz-texto com ilustrações sobre a Revolução Industrial que mostra a comparação entre a atividade artesana; (produtiva) da idade média, com a fábrika do século XIX, quando a indústria já se estabilizara. Mostram, ambas, retratos de épocas que determinaram um tempo, uma história que muda, porque a ilustração é realidade estática, e a história pode ser retratada também através desta realidade.

Trabalhar também com o vídeo foi uma experiência rica. Na aula sobre República no Brasil, o filme serviu como lançamento de matéria. Enquanto documentário, mostrou recortes, fragmentos que colocam o registro oficial da história, os fatos tal como temos em livros didáticos e documentos de época.

⁴ Estes dois últimos não foram reproduzidos para os alunos, e sim trabalhados em exposição em sala de aula, por isso não temos em anexo sua cópia.

Lamentamos não poder ter trabalhado com outros recursos didáticos, como cronologias (linhas do tempo), construção de maquetes, excursões, dramatização, poemas, músicas, jornais de época, ou atuais, que desse uma maior mobilidade e criatividade às aulas.

“Será que o nosso ensino de história deve limitar-se a encher as cabeças dos nossos alunos com um amontoado de factos, cujo conhecimento deverá ser avaliado num dia determinado? Não seria mais meritório da nossa parte ensiná-los a descobrir - a procurar informações rápida e cuidadosamente, a coordenar os resultados, a passá-los ao papel com clareza e vivacidade?” (CHAFFER & TAYLOR)

CAP. III: A AVALIAÇÃO CONSTANTE

Este é outro ponto que merece atenção. A avaliação é nada mais que um experimento que se faz do aprendido. É na avaliação que verificamos se os objetivos, e suas propostas metodológicas foram alcançados durante as aulas.

Avaliar é julgar e experimentar se o aluno registrou o conteúdo da(s) aula(s). A avaliação é de muita importância para o professor verificar se o exposto foi apreendido pelo aluno, mas, é mais importante ainda para o aluno se auto julgar, e verificar se o transmitido pelo professor, conjuntamente com os recursos didáticos utilizados, está acessível a sua realidade e entendimento.

É através da avaliação que o aluno pode conhecer a sua situação na disciplina, na escola, no ambiente no qual está inserido.

É *“meio de diagnosticar a realidade (dos) alunos, a fim de poder realizar uma ação pedagógica, a partir das necessidades destes, deve ser também um meio para ajudar o aluno a conhecer melhor a sua realidade”* (FLEMING, 1970:94 Apud MENEGOLLA, 1996:493) Porque avaliar é a última etapa do processo ensino/aprendizagem, que está nele inserido e que é caracterizado pelo fechamento deste processo.

Avaliar não é nada fácil, porque nos deparamos com alunos diferentes, mesmo cursando uma mesma série, numa mesma turma e faixas etárias próximas. São realidades diferentes, são aprendizados diferentes que se avaliam da mesma forma, porque não é interessante, nem possível avaliar cada aluno de uma maneira, podemos sim, respeitar sua forma de responder questões, de explicar e de se posicionar frente a disciplina.

Avaliar é das partes do planejamento a mais difícil de se por em prática, a mais esperada pelo aluno para saber se ele está indo bem na disciplina, e no assunto dado. É a

parte mais temida, pelo aluno principalmente, quando é início de ano, ou quando a metodologia do professor lhe é nova e estranha

Avaliar num estágio de um bimestre⁵, de uma maneira que não vá contra a filosofia da escola e metodologia de avaliar do professor titular, é tarefa árdua. Primeiro porque se se leva à escola, aos alunos, maneiras diferentes de avaliar que sejam distantes do praticado pelo seu professor, pode ocorrer um descontentamento da turma, pode acontecer de algum aluno reclamar: "Mas, minha professora trabalha assim!" "Faça questionários para a gente estudar para a prova!", ou mesmo o professor quando diz: "A turma que fez o estágio no período passado, quando saiu daqui, tive que dar tudo de novo porque os alunos não sabiam de nada!". Por isso, foi pedido para que trabalhássemos com textos, leituras e questionários para que "realmente" o aluno "aprendesse", e o professor não retornasse nas aulas.

Então, avaliamos as aulas de um por um assunto. Fizemos leituras de trechos de textos históricos em sala de aula. Discutimos e analisamos de forma a mostrar a veracidade do assunto passado em aula, e mostrar também a representação do fato através do documento escrito e o contexto, que produziu-o.

Avaliamos também através de questões em cima do estudado em sala, do tipo: "Fale com suas palavras sobre as revoltas do segundo império (no Brasil)"; "O que é Revolução?"; "Defina com suas palavras Revolução Industrial". Esta maneira de avaliar verifica o entendimento do aluno na aula expositiva, pois como em História o que se preza é a palavra, mesmo que utilizemos de variados recursos didáticos, a aula expositiva é de extrema importância

Utilizamos avaliação contínua, verificada com o interesse dos alunos pela aula, pelo assunto, sua participação através de questões e dúvidas por eles colocadas, além das leituras de sala.

Avaliação está em nosso cotidiano, está nas nossas tomadas de decisão, no trabalho, na escola, na vida. Em sala de aula enquanto professor precisamos avaliar os alunos. Na escola, os colegas e o funcionamento do estabelecimento. Avaliamos tudo e todos, sempre.

Avaliei a mim mesma enquanto estagiária de Prática de ensino, e enquanto professora iniciante, avaliei também o orientador, que me avaliava. Foi, então, uma constante e vária avaliação.

Avaliar, como já colocado, faz parte do projeto educacional da escola, curricular na disciplina, final no planejamento de aula, e pessoal do professor. Tudo isto consta no Planejamento. Mas, a avaliação *“não encerra o processo ensino/aprendizagem. Sua principal função deve ser a de permitir a análise crítica da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades. O ato de avaliar é uma fonte de conhecimentos e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.”* (Idem: 143).

Percebemos que é de costume haver um mal-entendido quanto avaliação de História para os alunos. Estes quando tem em mãos tarefas de pesquisa, copiam-na; quando estudam para algum exercício, decoram o assunto e colocam do mesmo jeito na questão cobrada; quando perguntas são feitas oralmente durante as explicações nas aulas, o aluno pensa, pensa e tenta responder como o escrito no texto, ora lê, ora tenta lembrar do que o professor disse minutos atrás.

Desta forma, mesmo tendo encontrado nos exercícios cópias feitas de textos e de livros utilizados para pesquisa, foi, e é, necessário valorizar o que diz, o que mostra e o que escreve o aluno, porque é aí que está seu potencial, seu aprendizado, de sua maneira. Porque os alunos assimilam e registram as informações de forma diferente, cada um de seu jeito. Por isso, é muito difícil avaliar cada um no todo, com um só tipo de avaliação

⁵ resumido e interrompido por uma greve de professores da rede estadual de ensino.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHAFFER, John & TAYLOR, Lawrence. A história e o professor de História. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

NEVES, Maria Aparecida Mamede. Ensinando e aprendendo história. São Paulo: EDU, 1985. (Coleção Temas básicos de educação e ensino)

MENEGOLLA, Maximiliano & SANT'ANA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? Petrópolis: Vozes, 1996.

VEIGA, Ilma Passos Allencastro (coord.) Repensando a didática. São Paulo: Papirus, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Allencastro (org) Técnicas de ensino: Por que não?. São Paulo: Papirus, 1991.

ANEXO

ANEXO 1: LISTA DE ALUNOS DA OITAVA SÉRIE

ANA CLÉCIA RODRIGUES DA SILVA
ALARCON ALFREDO DA SILVA
ALEXSANDRO DOS SANTOS FERNANDES
ALBA LÚCIA ALVES SILVA
ANA PAULA DA CONCEIÇÃO
CLEMILDA BARRETO DE SOUSA
CRISTIANE MARTINS
CRISTIANE M. F. VERAS
DEMÉTRIO R. SARAIVA
ELIANE BARROS CRUZ
ELIANE OLIVEIRA DA SILVA
ERLAINE PEREIRA DE CARVALHO FREIRE
EDMILSON SILVA OLIVEIRA
EVELY ARAÚJO CARVALHO
ELISETE DE BRITO MACÊDO
EDNA A. GOUVEIA
FLÁVIO DA COSTA ARAÚJO
FLAVIANA A. DE FARIAS
GEOVÂNIA SILVA DE LUCENA
GILSON ALVES RODRIGUES
IVANDILZA GOMES DA SILVA
ISRAEL SIQUEIRA SABINO
JOANA DARCK D. CLEMENTE DE MELO
JULIANA ANGÉLICA ROCHA DANTAS
JOELMA B. DE MORAES
JEANE ALVES DE FREITAS
KEILA REGINA ALVES
LEANDRO VIEIRA NEGREIROS
LENILDO DA SILVA FERREIRA
MARIA DO SOCORRO GOMES DE ALMEIDA
MARIA DO SOCORRO ROCHA BARBOSA
MARCELO SAMPAIO DA SILVA
MÁRCIO FERNANDO CALIXTO DO NASCIMENTO
MARIA DO CARMO GOMES DE OLIVEIRA
MARIA DAS GRAÇAS DE ARAÚJO
PAULIANA P. G. DE SOUSA
SAMARA ALVES DE SOUSA
SILVANA MARIA SANTOS
SAFIRA MÁRCIA DA COSTA
TUTIMÉIA ALEXANDRINO DA SILVA
VANDILSON DOS SANTOS PALMEIRA

LISTA DE ALUNOS DO TERCEIRO ANO CIENTÍFICO

ALEXANDRE DA SILVA
ALESSANDRA DINIZ SILVA
ALEXANDRE SANTOS SILVA
ADELÂNIA SILVA DAS CHAGAS
ANTÔNIO DE SOUSA COSTA
ANDRÉA SILVA
ANA CRISTINA DA SILVA COSTA
CÉLIA FRANCISCO DA SILVA
EDILSON JOSÉ DO NASCIMENTO
FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO
GERMANA MARIA ALBUQUERQUE RIBEIRO
GIVANILDO MACÁRIO DA SILVA
JOSENILDA BALBINO DA SILVA
JOANA DARC GOMES ALVES
JAMILTON DO CARMO
JOSÉ FABIANO GONÇALVES SILVA
JOSEILDO MARQUES DE PAIVA
JOSÉ ADAILTOM M. DA SILVA
JACIEL GUEDES DA SILVA
KÊNIA DANTAS ALVES
KEILA DANTAS ALVES
LUCIANO DE SOUSA
LEANDRO FLORENTINO DE BRITO
MARTA RODRIGUES DA SILVA BRÁS
MARIA DE FÁTIMA GOMES DE OLIVEIRA
MARIA DO SOCORRO GOMES DE OLIVEIRA
MARIA HELENA DA SILVA
NILSON RÉGIS DOS SANTOS
RICARDO SANTINO
SOLANGE DIAS
VICÉLIO COSTA DE PINHO

ANEXO 2: PLANOS DE UNIDADE

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA
TURNO: NOITE TURMA: 8a. SÉRIE
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE UNIDADE

1. ASSUNTO: Revoluções marcando a passagem do mundo moderno para o contemporâneo.
2. OBJETIVO: - Proporcionar discussão acerca do conceito de Revolução;
 - Analisar as diversas formas de se conceitualizar Revolução;
 - Evidenciar exemplos nos temas variados que forme no aluno o entender da variedade do conceito Revolução.
3. CONTEÚDO: - Revolução Industrial;
 - Revolução no pensar e no agir - Iluminismo;
 - Revolução Americana;
4. METODOLOGIA:
 - Aula expositiva.
5. RECURSOS DIDÁTICOS:
 - Quadro negro;
 - Giz;
 - Mapa;
 - Texto-cartaz;
 - Documento de época.
6. AVALIAÇÃO: - Continua, através da participação dos alunos em sala;
 - Questões acerca da aula expositiva;
 - Questões a partir do documento trabalhado em sala.
7. BIBLIOGRAFIA:

VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1995.

NADAI, Elza & NEVES, Joana. História Geral. Moderna e contemporânea. São Paulo: Saraiva, 1991.

SILVA, Francisco de Assis. História Geral. São Paulo: Moderna, 1985.

ROUSSEAU, Jean Jacques. O contrato social. São Paulo: Ediouro, s/d (pp 87-88)

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
TURNO: NOITE TURMA: 3o. ANO
PROFESSOR ORIENTADOR : JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE UNIDADE

1. ASSUNTO: Passagem do Império a República

2. OBJETIVO: Perceber como as mudanças -política e econômicas - ocorridas na passagem do império a república no Brasil, proporcionaram uma explosão de revoltas da classe média e da população. Revoltas estas influenciadas também pelo Iluminismo e pelas mudanças ocorridas no mundo.

3. CONTEÚDO: - Segundo Império;
- Estabelecimento da República.

4. METODOLOGIA: Aula expositiva e visual.

5. RECURSOS DIDÁTICOS: - Quadro negro;
- Giz;
- Mapa;
- Texto - base;
- Vídeo.

6. AVALIAÇÃO: Através da participação contínua dos alunos, e de suas leituras sobre o assunto.

7. BIBLIOGRAFIA:

SCHMIDT, Mário. História crítica do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova geração, 1996.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Melhoramentos, 1990
(vol.18)

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL. MORAL E CIVISMO. São Paulo:
Melhoramentos, 1976.

SANTOS, Joel Rufino dos. História do Brasil. São Paulo: FTD, 1992.

RIBEIRO, Vanise & ANASTASIA, Carla. Brasil, encontros com a história. São Paulo:
Ed. do Brasil, 1996.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1985.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
TURNO: NOITE TURMA: 3o. ANO
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE UNIDADE

1. ASSUNTO: Roma: de lá para cá, formas de viver paralelas
2. OBJETIVO: Proporcionar uma ligação da história de Roma com o mundo contemporâneo, através de seus modelos de sistema político, cultural e religioso.
3. CONTEÚDO: Roma Antiga.
4. METODOLOGIA: Aula expositiva e visual.
5. RECURSOS DIDÁTICOS: - Quadro negro;
 - Giz;
 - Texto base;
 - Cartaz com ilustrações;
 - Mapa da expansão territorial de Roma.
6. AVALIAÇÃO: Através da participação continua dos alunos em sala, e da leitura do texto e do mapa.
7. BIBLIOGRAFIA:

MOTA, Carlos Guilherme. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1995.
SILVA, Francisco de Assis. História Geral. São Paulo: Moderna, 1985.
VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.

ANEXO 3: PLANOS DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
TURNO: NOITE TURMA: 8a. SÉRIE
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas⁶ - 30 minutos)

1. TEMA: Revolução Industrial: indústrias e trabalho

2. OBJETIVO: Discutir o conceito de revolução, levando em conta as mudanças ocorridas na Inglaterra do século XVII até o mundo capitalista de hoje, na perspectiva do trabalho.

3 CONTEÚDO: Revolução

Revolução Industrial

- Revolução tecnológica (e suas fases)
- Inventos
- Trabalho

4. METODOLOGIA: Num recorte cronológico que inicia no século XVII, construir a idéia de revolução enquanto mudança, mostrando que na Inglaterra deste período iniciou-se um processo de mudança na maneira de industrializar, que revolucionou a economia e o trabalho, a política e a mentalidade do homem, e que vem influenciando o mundo contemporâneo.

5. RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro negro;

Giz;

Cartaz com gravuras;

Texto - base sobre o tema.

6. AVALIAÇÃO: Questões O que é revolução?

Defina com suas palavras a Revolução industrial.

7. BIBLIOGRAFIA:

VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1995.

⁶ Na verdade o plano se estendeu para três aulas.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. e 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
TURNO: NOITE TURMA: 8a. SÉRIE
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES DA CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas - 80 minutos)

1. TEMA: Iluminismo: Pensamento e mudança no século XVIII.
2. OBJETIVO: Discutir as mudanças ocorridas na Europa do século XVIII, no seu aspecto político, econômico e social, exemplificando com autores como Rousseau e Montesquieu.
3. CONTEÚDO: Iluminismo:
 - Revolução no pensar;
 - Atuação de iluministas;
 - Revolução no agir - Despotismo esclarecido;
 - Montesquieu e Rousseau
4. METODOLOGIA:
 - Aula expositiva com uso de trechos de obras clássicas e texto básico.
5. RECURSOS DIDÁTICOS:
 - Quadro negro;
 - Giz;
 - Texto -base;
 - Trecho de obra de Rousseau.
6. AVALIAÇÃO: Através da leitura em sala de aula de "O Contrato social", perceber aspectos do Iluminismo.
7. BIBLIOGRAFIA:

NADAI, Elza & NEVES, Joana. História Geral: Moderna e contemporânea. São Paulo: Saraiva, 1991.
MOTA, Carlos Guilherme. História e civilização. São Paulo: Ática, 1995.
SILVA, Francisco de Assis. História Geral. São Paulo: Moderna, 1985.
VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.
ROUSSEAU, Jean Jacques. O contrato social. São Paulo: Ediouro, s/d.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. e 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
TURNO: NOITE TURMA: 8a. SÉRIE
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas - 80 minutos)

1. TEMA: Os norte-americanos e sua revolução
2. OBJETIVO: Discutir a Independência dos Estados Unidos como pioneira no uso dos ideais iluministas, e como precursora de outras revoltas de independência na América.
3. CONTEÚDO: - Povoação do território norte-americano (13 colônias);
 - Inglaterra (metrópole);
 - Pacto colonial frágil;
 - Luta por independência - Revolta;
 - Pós revolta: reconhecimento e República Federalista Presidencialista.
4. METODOLOGIA:
 - Aula expositiva com o uso do mapa.
5. RECURSOS DIDÁTICOS:
 - Quadro negro;
 - Giz;
 - Mapa de expansão dos Estados Unidos;
 - Trecho "Declaração de independência dos Estados Unidos da América".
6. AVALIAÇÃO: Através do trecho da Declaração de independência, perceber os ideais da Revolução americana, e mostrar que influência sofreu Thomas Jefferson para a feitura do documento.
7. BIBLIOGRAFIA:

VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
TURNO: NOITE TURMA: 3o. ANO
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas - 80 minutos)

1. TEMA: Segundo reinado, luta de contrários
2. OBJETIVO: Discutir o Império no Segundo reinado e o poder do imperador, através das lutas políticas entre aristocratas rurais (conservadores) e seus adversários (liberais), percebendo a revolta do 'povo' contra o poder que vem de cima.
3. CONTEÚDO: - Aristocracia rural;
- Parlamentarismo;
- Liberais X Conservadores (relação hierarquizada);
- Revoltas no segundo reinado (Praieira, Ronco da Abelha, Quebra quilos, Guerra das mulheres)
4. METODOLOGIA: Aula expositiva.
5. RECURSOS DIDÁTICOS: - Quadro negro;
- Giz;
- Texto - base;
- Mapa.
6. AVALIAÇÃO: Questões de pesquisa sobre as revoltas do segundo império.
7. BIBLIOGRAFIA:

SCHMIDT, Mário. História crítica do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova geração, 1996.
ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL. MORAL E CIVISMO. São Paulo:
Melhoramentos, 1976.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
TURNO: NOITE TURMA: 3o. ANO
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas - 80 minutos)

1. TEMA: República: o nascimento de um novo sistema, de uma nova vida?
2. OBJETIVO: Discutir o estabelecimento da República no Brasil, o que mudou com a passagem do império, e quais os modelos de república propostos para o Brasil.
3. CONTEÚDO: - Definição de República;
 - Questão abolicionista;
 - Questão religiosa;
 - Questão política;
 - Questão militar;
 - Modelos de república.
4. METODOLOGIA: Aula expositiva e visual.
5. RECURSOS DIDÁTICOS: - Quadro negro:
 - Giz;
 - Texto - base;
 - Vídeo.
6. AVALIAÇÃO: Contínua através da participação dos alunos em sala.
7. BIBLIOGRAFIA:

SANTOS, Joel Rufino dos. História do Brasil. São Paulo: FTD, 1992.
RIBEIRO, Vanise & ANASTASIA, Carla. Brasil, encontros com a história. São Paulo: Ed. do Brasil, 1996.
SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1985.

ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
TURNO: NOITE TURMA: 3o. ANO
COORDENADOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA CECÍLIA PATRÍCIO
PLANO DE AULA (para duas aulas - 80 minutos)

1. TEMA: Civilização romana: formas de governo para o mundo
2. OBJETIVO: Discutir Roma antiga como grande contribuinte de sistemas de governo, e cultura para o mundo.
3. CONTEÚDO: - Localização de Roma antiga / Roma hoje;
 - Roma monarquia;
 - Roma república,
 - Roma império;
 - Cultura e religião presentes em Roma.
4. METODOLOGIA: Aula expositiva e visual.
5. RECURSOS DIDÁTICOS: - Quadro negro;
 - Giz;
 - Texto - base;
 - Mapa;
 - Cartaz.
6. AVALIAÇÃO: Continua, através da participação dos alunos, e da leitura do texto base.
7. BIBLIOGRAFIA:

MOTA, Carlos Guilherme. História e civilização. São Paulo: Ática, 1995
SILVA, Francisco de Assis. História Geral. São Paulo: Moderna, 1985.
VICENTINO, Cláudio. História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Revolução Industrial não foi o que conhecemos como revolução, armada com lutas entre oposições, entre pessoas que reivindicavam condições melhores para sua vida, seja econômica, política ou social. A Revolução Industrial é caracterizada por mudanças ocorridas no processo de industrialização. Mudanças do feudalismo para o Capitalismo, da acumulação primitiva para o mercantilismo, na predominância de produtos (começou com a mecanização a haver predominio de produtos têxteis, já que a primeira matéria a se industrializar foi o algodão), na produção que passou a ser em série (grandes quantidades), nos transportes (que se modernizava com a invenção do vapor que contribuiu para construção de barcos e máquinas).

Estas mudanças que mexeram com a vida, a economia e a política da Inglaterra (já que foi neste país, no século XVII/XVIII que a Revolução industrial teve seu início) tiveram um alvo para atacar: O TRABALHO. Foi o trabalho que mudou a vida das pessoas, o trabalho que passou a ser na fábrica, com a supervisão de um funcionário, e com o mando de um empregador capitalista (o patrão), trabalho que aumentou a jornada (horas de trabalho dedicado), que exigia disciplina na fábrica, e especialização, além de alienar o trabalhador por tirar dele a noção da produção final (do número de produtos por ele produzido).

Esta situação veio mudar também a vida do trabalhador. A moradia destes passaram a ser a vila operária, próximo a fábrica, com casas pequenas, sem cômodos, sem saneamento básico (energia, água, esgoto), sem alinhamento nas ruas, praticamente sem elas. Eles começaram a concorrer no trabalho com crianças e mulheres, por causa dos baixos salários e da falta de trabalho no campo, que causou êxodo rural e aumentou o número de trabalhadores desempregados, reforçando o Exército industrial de reserva (pessoas que esperavam um vago de trabalho nas indústrias).

Assim, iniciou-se revoltas de operários contra os capitalistas (empregadores, patrões), que detinham o capital (bens) e o poder, e exploravam o trabalho através de baixos salários e um grande número de horas dedicadas a ele para o operário. Houveram muitas mortes nas fábricas, por causa da manipulação errônea pelos trabalhadores, que não se acomodavam, nem estavam preparados, para o manuseio nas grandes máquinas.

Como falei, a máquina foi um dos primeiros inventos da Revolução industrial. Máquina de fiar por James Hargreaves (1767), tear hidráulico por Richard Arkwright (1768), tear mecânico por Edmund Cartwright (1785), máquina a vapor por Thomas Newcomen (1712), barco a vapor por Robert Fulton (1805), locomotiva a vapor por George Stephenson (1814), entre outros que concretizaram a Revolução Industrial na vida dos empregados e empregadores na Inglaterra, para todo o mundo.

A Revolução Industrial se constituiu de três fases: A primeira deu-se no século XVII-XVIII na Inglaterra. foi o "boom", o explodir das máquinas, das invenções, das indústrias que exigia trabalhadores qualificados, que fez aparecer lutas de classe por causa de insatisfações às mudanças. A segunda aconteceu no século XIX, com a descoberta da eletricidade, a transformação do ferro em aço, avanços nos meios de transporte que fez surgir o avião e o automóvel, e nos meios de comunicação, aparecendo aí o telefone e o telégrafo. Além disso, fez com que houvesse a especialização de indústrias na sua produção, e com insatisfações, surgir Organizações trabalhistas, e avançar as lutas, por causa da concentração do capi-



Atividade artesanal medieval e indústria do século XIX.

A concentração do capital industrial

- **Holdings** correspondem a grandes empresas financeiras que controlam vastos complexos industriais a partir da posse da maior parte de suas ações.
- **Trustes** são grandes companhias que absorvem seus concorrentes ou estabelecem acordos entre si, monopolizando a produção de certas mercadorias, determinando seus preços e dominando o mercado; consiste, portanto, num domínio vertical da produção.
- **Cartéis** são grandes empresas independentes produtoras de mercadorias de um mesmo ramo que se associam para evitar a concorrência, estabelecendo divisão de mercados e definindo preços; faz-se, assim, o domínio horizontal da produção.

“1 – **Sistema familiar:** os membros de uma família produzem artigos para o seu consumo, e não para a venda. O trabalho não se fazia com o objetivo de atender ao mercado. Princípio da Idade Média.

2 – **Sistema de corporações:** produção realizada por mestres artesãos independentes, com dois ou três empregados, para o mercado, pequeno e estável. Os trabalhadores eram donos tanto da matéria-prima que utilizavam como das ferramentas com que trabalhavam. Não vendiam o trabalho, mas o produto do trabalho. Durante toda a Idade Média.

3 – **Sistema doméstico:** produção realizada em casa para um mercado em crescimento, pelo mestre-artesão com ajudantes, tal como no sistema de corporações. Com uma diferença importante: os mestres já não eram independentes; tinham ainda a propriedade dos instrumentos de trabalho, mas dependiam, para a matéria-prima, de um empreendedor que surgira entre eles e o consumidor. Passaram a ser simplesmente tarefeiros assalariados. Do século XVI ao XVIII.

4 – **Sistema fabril:** produção para um mercado cada vez maior e oscilante, realizada fora de casa, nos edifícios do empregador e sob uma rigorosa supervisão. Os trabalhadores perderam completamente sua independência. Não possuem a matéria-prima, como ocorria no sistema de corporações, nem os instrumentos, tal como no sistema doméstico. A habilidade deixou de ser tão importante como antes, devido ao

maior uso da máquina. O capital tornou-se mais necessário do que nunca. Do século XIX até hoje”.

HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 125-G.

ILUMINISMO EUROPA SÉCULO XVIII

O Iluminismo foi uma revolução não da maneira como costumamos pensar, com luta armada e brigas entre oposições. Iluminismo foi uma revolução no pensar, uma mudança no pensamento das pessoas, uma busca de explicação racional para as coisas.

O Iluminismo expressou a ascensão da burguesia, na Europa do século XVIII, e sua ideologia. Teve início ainda no Renascimento (século XVII) com o uso da razão que fica designado como a força que se desenvolve com a experiência que atua sobre os sentidos, atividade, fonte de energia intelectual, que deveria e poderia ser percorrido como caminho pelos homens.

A Revolução (mudança) no pensar atingiu outros âmbitos: na política, temos a mudança de governo absolutista para o despotismo esclarecido (teoria, mais prática no iluminismo); na economia houve o incentivo ao fim da escravidão, e introdução do capitalismo através da Revolução Industrial; na religião, iniciou a pregação à tolerância a todas as cultos, não seria necessário igreja pois os iluministas eram contra a existência de ordens religiosas (por exemplo, beneditinos e franciscanos) que hierarquizava, Deus para eles estava na natureza, e no homem através da razão, assim sendo, eram deístas; nas relações sociais houve uma abertura a assistência social, ao invés de haver privilégios aos nobres (feudais) e desprezo a burguesia; na cultura iniciou-se o estímulo a educação, às artes, às idéias racionais e liberais (liberdade de expressão e culto).

Quem eram os iluministas? Eram pessoas, intelectuais que se reuniam em cafés, salões, clubes, e ruas para discutirem sobre o governo, a economia, a cultura e religião de seu tempo, enfim, o que agradava e o que não agradava no momento. Eram pessoas que, além de discutir, escreviam e lutavam por ideais de república e democracia, por exemplo. Progavam um mundo perfeito regido pela razão, igualdade perante a lei, liberdade de pensamento e culto, proteção, busca de felicidade, justiça com punição de erros. Tivemos nomes ilustres como Montesquieu, Rousseau, Diderot, D'Alenbert, Voltaire entre outros.

Archo da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América.

"Consideramos como uma das verdades evidentes por si mesmas que todos os homens são criados iguais; que receberam de seu Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais figuram a vida, a liberdade e a busca da felicidade; que os governos foram estabelecidos precisamente para manter esses direitos, e que seu legítimo poder deriva do consentimento de seus governados; que cada vez que uma forma de governo se manifesta em oposição a esses princípios, o povo tem o direito de mudá-la ou suprimi-la e estabelecer um novo governo, baseando-se naqueles princípios e organizando seus poderes segundo formas mais apropriadas para garantir a segurança e a felicidade"

In: GRIMBERG, Carl. História Universal. v.10, p.39.

Diversos sistemas de legislação

"Se indagarmos em que consiste precisamente o maior bem de todos, que deve ser o fim de todo sistema de legislação, achar-se-á que se reduz a estes dois objetivos principais: liberdade e igualdade. A liberdade, porque toda dependência particular é outro tanto de força tirada ao corpo do Estado; a igualdade, porque a liberdade não pode existir sem ela.

"Já disse o que é a liberdade civil; a respeito da igualdade, não se deve entender nessa palavra que os graus de poder e riqueza sejam absolutamente os mesmos, mas sim que, quanto ao poder, esteja por cima de toda violência e não se exerceite senão em virtude das leis, e, quanto à riqueza, que nenhum cidadão seja bastante opulento para poder comprar a outro, e nenhum tão paupérrimo para necessitar vender-se, o que supõe, por parte dos grandes, moderação de bens e de crédito; dos pequenos, moderação de ânsia e cobiça.

"Diz-se que esta igualdade é uma quimera de especulação que não pode existir na prática. Porém, se o abuso for inevitável, será que não pode pelo menos ser regulado? É precisamente porque a força das coisas tende a destruir a igualdade que a legislação deve procurar mantê-la sempre.

"Mas os fins gerais de toda instituição devem modificar-se em cada país pelas circunstâncias que nascem, tanto da situação local, como do caráter dos habitantes. E considerando estas circunstâncias, deve dar-se a cada povo um sistema de instituição, que seja o melhor, embora não por si, mas para o Estado a que se destina".

(ROUSSEAU, Jean Jacques. O contrato social. São Paulo, Edições de Ouro, s.d., p. 87-88.)

HISTÓRIA

PROFESSORA: CECÍLIA

ASSUNTO: SEGUNDO REINADO.

TEMA DA AULA: IMPÉRIO: LUTA DE CONTRÁRIOS

No Brasil do Segundo reinado (Império - 1840/89), temos a existência de lutas entre "contrários" marcada pela aristocracia rural mais comerciantes, que formam os adeptos do Partido Conservador, e os pequenos fazendeiros e urbanos que enriqueciam-se e desejavam alcançar o poder e o comando das mãos dos conservadores. Estes pequenos fazendeiros e urbanos constituíam-se nos partidários do Liberalismo, faziam parte do Partido Liberal que era oposição ao Partido Conservador. A situação de luta entre estas duas categorias sociais se deu devido a um projeto dos conservadores de constituir um estado para atender seus interesses e assegurar seus domínios, que para eles ainda eram pequenos. Então, como conseguir tornar concreto este plano? Através da eliminação do adversário.

As eleições foram o veículo que estes aristocratas e comerciantes encontraram para impedir que seus adversários tomassem o poder e o prestígio que só a eles cabia. Estas eleições se davam para que fosse escolhido os membros da Assembléia Geral que formavam o Parlamento.

Nossa forma de governo na época era o Parlamentarismo, que funcionava, em relação ao parlamentarismo da Inglaterra, às avessas. Tínhamos uma característica em particular, a presença do Imperador, que governava e administrava. Este ditava o Primeiro ministro, que determinava as eleições, para daí formar o Parlamento. Isso tudo com a proteção do Poder Moderador, que era um poder criado pelo e para o Imperador, que fazia com que ele se concretizasse como autoritário.

Então, eram fraudes nas eleições que acontecia neste período que fazia com que os aristocratas e comerciantes continuassem no poder, sim, porque também eles eram políticos, não só grandes fazendeiros e poderosos economicamente.

Nisto, temos uma relação entre liberais e conservadores que se dá de maneira hierarquizada, onde o comando, o poder, as instituições como escolas, imprensa escrita (jornal), e funcionalismo do Brasil estava nas mãos dos conservadores, no topo da escala social, enquanto que os liberais ficavam na ofensiva e na luta por cargos e prestígio iguais.

Foi nesta situação que iniciou-se algumas revoltas localizadas nas províncias, que iam contra o Imperador, o seu poder, e dos conservadores. Lutas contra leis, impostos, o controle da população dado através de censos, registros, e recrutamento para o exército feito pelo Imperador e seus funcionários, e lutas pelo direito de liberdade de imprensa. Estas lutas aconteceram em todo o país, temos entre elas a Revolução Praieira (PE, 1848-50), a Revolta Quebra Quilos (Ne, 1874-75), o Ronco da Abelha (Ne, 1851), e a Guerra das Mulheres em 1875-76.

A Revolução Praieira (Pernambuco, 1848-50)

Em meados do século passado, ocorreu a última das rebeliões provinciais, em Pernambuco, chamada Praieira. A instabilidade provincial da época regencial fora pouco a pouco superada, com a derrota dos "balaíos" no Maranhão; depois, em 1842, foram dispersos os levantes liberais, e, em 1845, a revolução Farroupilha do Rio Grande do Sul foi contida.

Em 1848, porém, na província de Pernambuco, ocorreu um movimento revolucionário, reacendendo a tradição contestadora da região. A Praieira foi o fecho de um longo ciclo revolucionário pernambucano, enquadrando-se, a partir de então, a região à ordem política imperial.

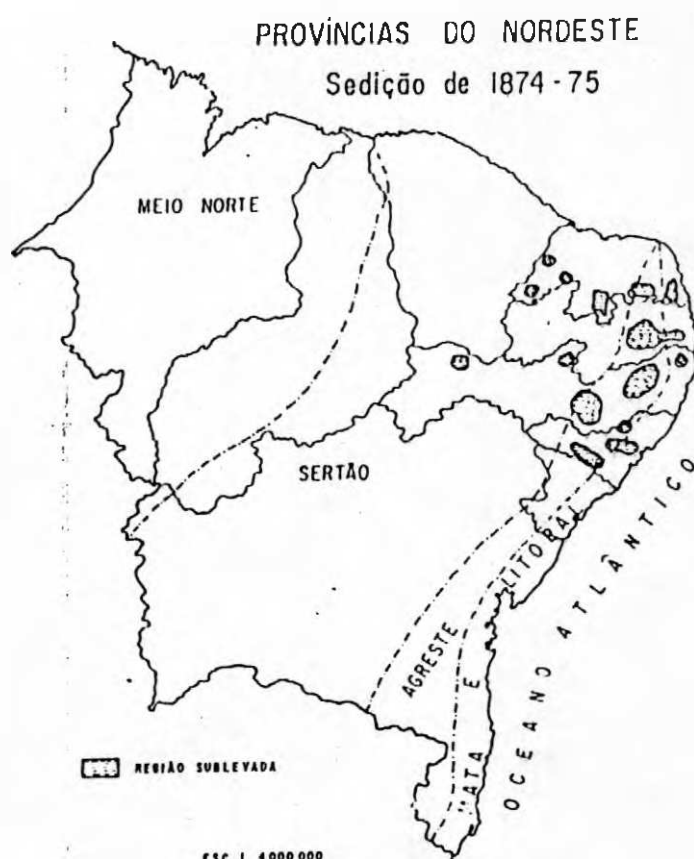
O nome Praieira advinha do fato de o jornal divulgador dos ideais dos revoltosos, o *Diário Novo*, ter sua sede na rua da Praia. Nesse jornal, em 1848, os rebeldes publicaram o "Manifesto ao Mundo", escrito por Borges da Fonseca, no qual apresentavam suas principais reivindicações, como o voto livre e universal, a liberdade de imprensa, a garantia de trabalho, a nacionalização do comércio que estava em mãos de portugueses, a abolição do trabalho escravo e a instalação da república. Entre os principais líderes do movimento encontrava-se o capitão Pedro Ivo e o intelectual e socialista utópico general Abreu e Lima, que pregava a divisão das fortunas.

Inserida no contexto das revoluções populares que varreram a Europa no ano de 1848 e atingiram várias localidades na América, conhecida como "Primavera dos Povos", a Praieira teve suas origens nas difíceis condições econômicas e sociais da província de Pernambuco e na enorme concentração fundiária nas mãos de poucos proprietários.

Sem ser uma rebelião socialista, a Praieira retomava a luta por liberdade, mudanças sociais e políticas e melhorias das condições de vida, reivocando o ideal republicano presente em outros movimentos ocorridos em Pernambuco. A revolta chegou mesmo a contar com a participação de alguns senhores de engenho ligados ao Partido Liberal, que rivalizavam com os portugueses de Recife por monopolizarem o comércio da região. A rebelião foi derrotada pelas tropas governamentais, em 1850, e nos dois anos seguintes toda a região estava pacificada.

REVOLTA DO QUEBRA-QUILOS

Nome por que ficou conhecido o movimento popular de repúdio à adoção do sistema métrico decimal, instituído no Brasil pela Lei n.º 1.157 de 26-6-1862, regulamentada e executada pelo Gabinete Rio Branco mediante decreto de 22-9-1872. Desde logo tachada de "manobra ardilosa do governo para explorar o povo", provocou forte reação de considerável número de populares, que passaram a quebrar por toda parte os padrões de substituição: litros, quilos, metros. A polícia interveio com violência, seguindo-se a formação de bandos indisciplinados que se aproveitavam da oportunidade para roubar e matar: a situação agravou-se sobremaneira no Nordeste, baldando-se durante anos os esforços despendidos pelas autoridades locais, no sentido de convencer os habitantes do interior da Paraíba, Alagoas e Pernambuco das vantagens do novo sistema. Decorrente da confusão, espalhou-se uma onda de banditismo e abusos políticos, servindo-se do ensejo os poderosos para livrar-se dos seus desafetos por meio de cruel repressão policial; entre outros castigos aplicados aos revoltosos, usou-se largamente o açoite público, a que poucos resistiam.



Ronco da Abelha

1851-52

Foi neste ambiente "pré-revolucionário" que, nos meses de dezembro de 1851 e janeiro de 1852, as províncias de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, com maior intensidade, e as do Ceará e Sergipe, de forma mais amena, foram assoladas por movimentos armados de oposição aos decretos 797 e 798, de 18 de junho de 1851, que instituíam, respectivamente, o Censo Geral do Império e o Registro Civil dos Nascimentos e Óbitos.

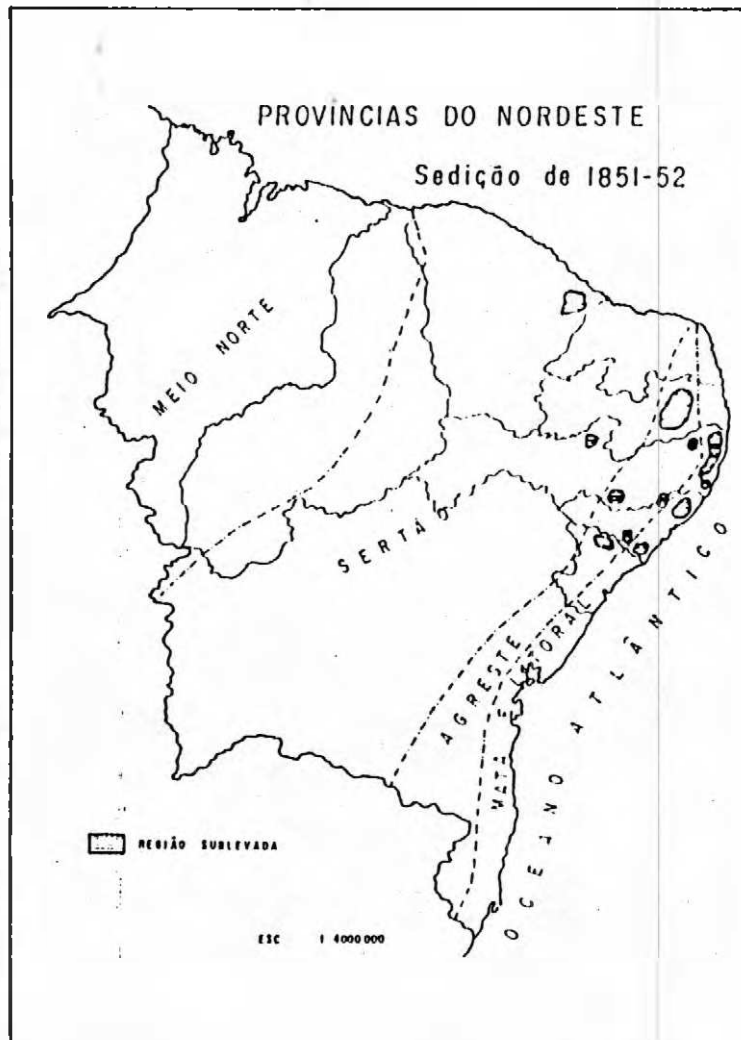
O decreto 797 determinava que o arrolamento da população para o censo seria feito no dia 15 de julho de 1852, após afixação de editais nas Igrejas matrizes e anúncios nos jornais, a partir de 1º de junho daquele ano. Quanto ao decreto 798, constava que o registro civil da população, a ser feito pelos escrivães dos juízes de Paz dos distritos, entraria em vigor, "impreterivelmente", a 1º de janeiro de 1852.

Foi na província de Pernambuco, "que o movimento apareceu com caráter mais grave, não só pelo número de grupos que se armaram, como por serem mais numerosas as freguesias e os termos em que ele se manifestou". Naquela província, levantaram-se os

termos de Pau d'Alho, Limoeiro, Nazaré, Goiana, Vitória, Garanhuns, Rio Formoso, Igarapé e as freguesias de Ipojuca, Jaboatão, São Lourenço e Muri-beca. Na da Paraíba, foram envolvidas as vilas de Ingá, Campina Grande, Alagoa Nova, Alagoa Grande. Na de Alagoas, as localidades de Laje do Canhoto, Mundaú-Mirim, Porto Calvo, Porto de Pedras, Riachão, Arrasto, Juçara, Jacuípe, São Brás, Salomé e Barra Grande, além dos moradores das matas de Cocal e Angelim. Nas do Ceará e Sergipe, a sedição limitou-se às localidades, respectivamente, de Iiqui e Porto da Folha.

Em todos os pontos, os fatos foram idênticos. Ataques às vilas e engenhos, fuga das autoridades e grandes proprietários, ameaças e reuniões suspeitas feitas por "conspiradores" que, dentro dos engenhos, incitavam os moradores a tomarem das armas "se não querem ficar reduzidos com seus filhos ao cativeiro".

A "plebe" revoltada clamava contra a "declaração da escravidão". Espalhou-se a notícia de que os decretos 797 e 798 visavam a "escravizar a todos os recém-nascidos e aqueles batizados com as formalidades prescritas por aquela lei" que fazia parte de um plano geral para reduzir "à escravidão as pessoas livres" e, para enfim, "reduzir à escravidão a gente de cor".



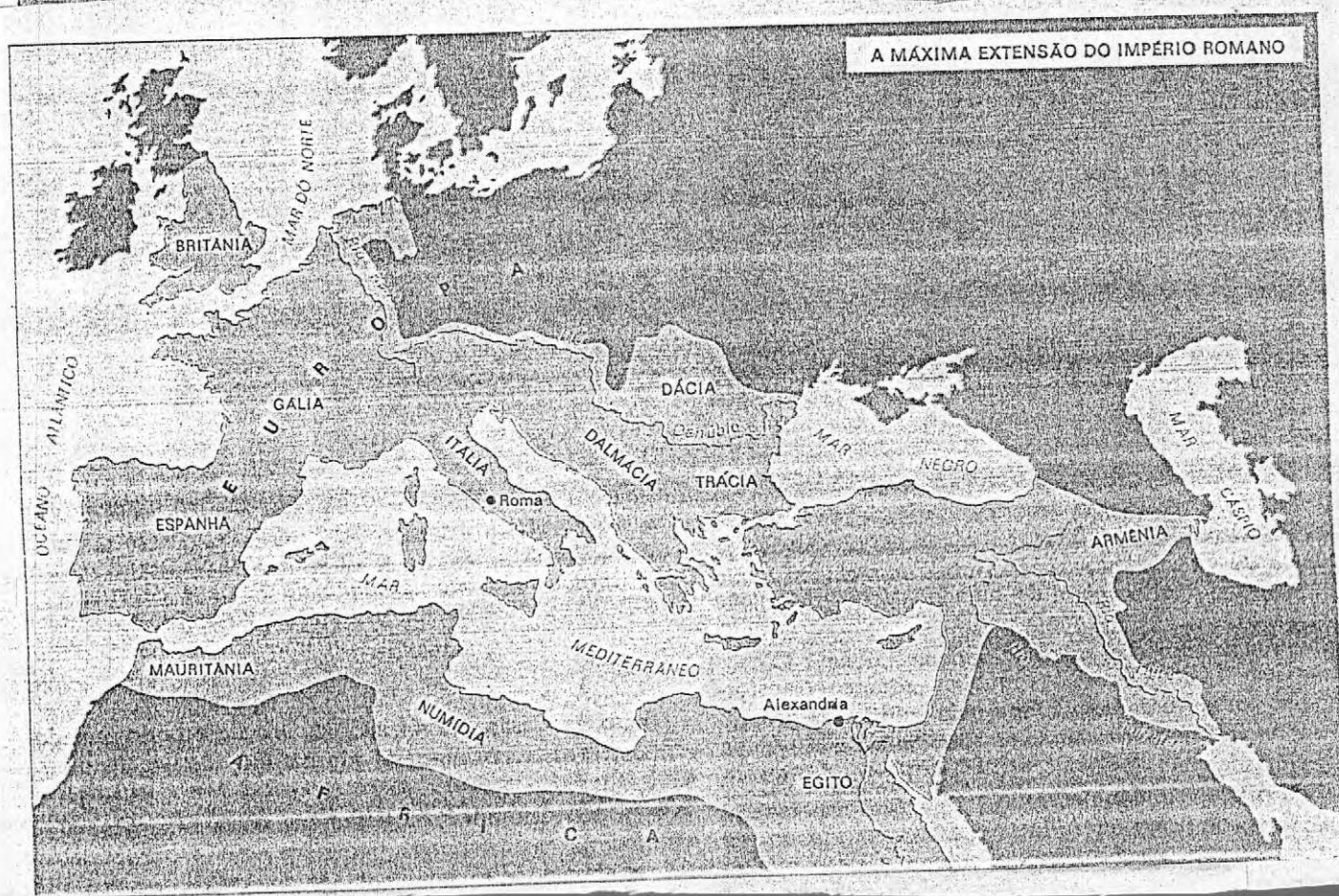
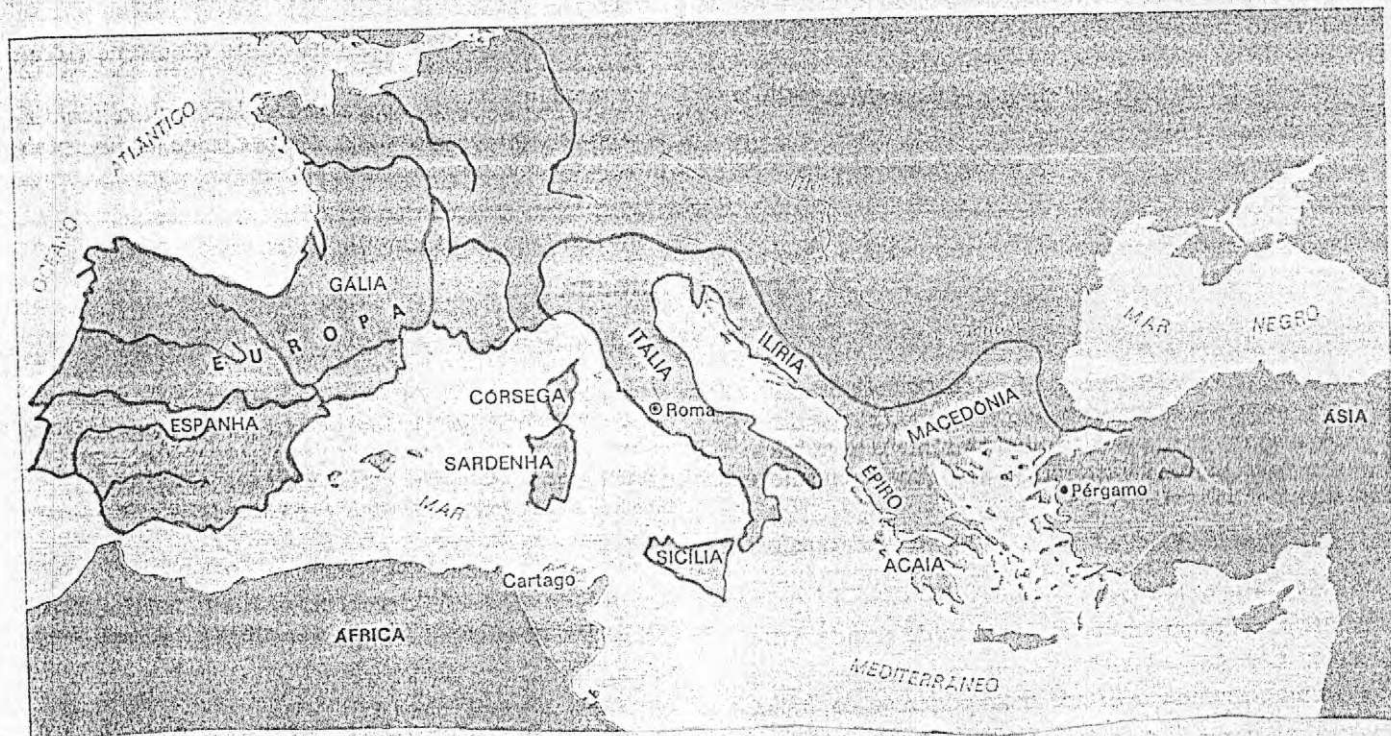
ROMA

Roma localiza-se na península itálica. Na sua antiguidade teve um território vasto, indo além da pequena cidade que é hoje. A sua fundação tem dois rumos, um é da lenda, que fala da existência de dois irmãos que foram encontrados no rio Tibre por uma família de pastores. Estes irmãos foram amamentados por uma loba, durante sua infância. Rômulo e Remo são os seus nomes. Rômulo teria sido escolhido pelos deuses para ser o primeiro rei de Roma, mesmo antes de sua existência. Remo soube e com inveja provoca seu irmão, e Rômulo para dar a resposta o mata. A lenda trata-se também da organização do Senado, da criação das categorias sociais patrícios e plebeus.

Roma teve três formas de governo, a monarquia, que vai de 753 a 509 a.C., a república, que vai de 509 a 27 a.C., e o império, de 27 a.C. a 476 d.C. Na monarquia temos o surgimento da lenda, a divisão das categorias sociais, como patrícios que viviam em clãs, num regime de patriarcado, e considerados cidadãos políticos; plebeus, que eram maioria da população, composta de homens livres, camponeses, artesãos e pequenos proprietários, não tinham direitos políticos, e assim não eram considerados cidadãos; os escravos, que eram considerados insignificantes, eram os estrangeiros, e presos de guerra; e os clientes, prestadores de serviço. As categorias políticas eram o Rei, eleito, com cargo de juiz e sacerdote, com cargo vitalício; o Senado, composta por um conselho de anciãos formado pelos chefes de família patrícia; a associação curiata, formada dos membros da associação religiosa, que elaborava leis para aprovação do Senado.

A República romana iniciou uma expansão territorial, que acarretou lutas e assimilação de várias culturas, de vários povos. Era Roma neste momento governada por cônsules, eleitos uma vez ao ano pelos patrícios. Em caso de guerra, o ditador era eleito. No Senado o cargo era vitalício, decidiam-se questões políticas na Assembleia centuriata, que era formada por patrícios e plebeus, dando um voto para cada, que elegia os cônsules, votava leis, declarava guerra e paz. Existia também as magistraturas, que eram os cargos como os de cônsul, censores, que faziam censos e fiscalizavam a população, questores, tesoureiros, edis, os da polícia, inspetores de saúde e de mercado, e os tribunos da plebe em que plebeus participavam.

Houveram muitas lutas entre patrícios e plebeus, em que o ponto fundamental foi a terra (ager publicus). Com a expansão do território, os patrícios conseguiram as melhores e maiores terras e os plebeus, em tempo de guerra, acabavam perdendo as poucas que tinham, porque iam lutar em outros territórios e porque também os patrícios ficavam com as melhores. Ocorre por isso guerra civil entre patrícios e plebeus. Com a sua participação no governo atra



ROMA MONARQUIA, REPÚBLICA E IMPÉRIO

MONARQUIA (753-509 a.C.)

- . Surge com a lenda
- . Categorias sociais: Patrícios; Plebeus; Escravos; Servos(Clientes)
- . Rei, eleito e vitalício, sacerdote e juiz.
- . Senado (Conselho de Anciãos formado pelos chefes de famílias)
- . Associação Clânica - membros de associações religiosas; elaborava leis para a aprovação do Senado)
- . Houveram sete reis, quatro lendários e três reais, etruscos.
- . Teve seu fim com a Revolta dos Patrícios contra os Tarquínios, o soberbo, por causa da centralização do poder em suas mãos da política.

REPÚBLICA (509-27 a. C.)

- . Expansão territorial.
- . Lutas e assimilação de várias culturas (de vários povos)
- . Governada por cônsules, eleitos uma vez por ano pelos patrícios.
- . Em caso de guerra, o ditador seria eleito.
- . Senado, com senadores vitalícios decidiam sobre questões políticas na Assembléia Centuriata (formada por patrícios e plebeus, um voto cada um, patrícios em maioria)
- . Magistraturas - Cargos dos patrícios, e alguns com a presença dos plebeus: cônsules, censores, questores, edis, tribunos da plebe.
- . Lutas entre patrícios e plebeus. Ponto fundamental: TERRA (Ager publicus)
- . Política do pão e circo (trigo e diversão)

IMPÉRIO (27a. C. a 476 d. C.)

- . Reorganização da estrutura política.
- . Autoridade no Império.
- . Dividido em Alto (expansão) e baixo (crise, anarquia)
- . Permanência do Senado.
- . Obras públicas (pão e circo)
- . Dinastias
- . Fim do modo de produção escravista
- . Sistema de arrendamento, êxodo urbano num regime de servidão (colocação)